

GRUPOS DE DISCUSSÃO: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA

Discussion groups: a methodological possibility

Vanessa Souto Silvestre – UFSCar/Sorocaba*
Reginaldo Marcos Martins – UFSCar/Sorocaba**
João Pedro Goes Lopes – UFSCar/Sorocaba***

Resumo: O presente trabalho trata da exposição e conceituação da metodologia denominada de Grupos de Discussão. Trabalha com a sua caracterização através da ótica teórica hispânica, assim como apresenta suas características fundamentais para que possa ser trabalhada com especificidade (CALLEJO, 1998: 2001: 2002; IBAÑEZ, 1991: 1996). Justifica-se na medida em que no âmbito da pesquisa qualitativa a estratégia metodológica amplia a compreensão e interlocução com o universo das representações dos atores sociais. Trata-se de uma pesquisa exploratória por meio de uma revisão bibliográfica, cujos eixos procedimentais são detalhados através de exemplificações delimitadas para a área da educação.

Palavras-chave: Grupos de discussão. Metodologia. Pesquisa qualitativa.

Abstract: The present work deals with the exposition and conceptualization of the methodology called Discussion Group. It works with its characterization through the Hispanic theoretical perspective, presenting its fundamental characteristics so that it can be worked with specificity (CALLEJO, 1998: 2001: 2002; IBAÑEZ, 1991: 1996). It is justified to the extent that in the scope of qualitative research the methodological strategy broadens the understanding and interlocution with the universe of the representations of the social actors. It is an exploratory research through a bibliographical review, whose procedural axes are detailed through delimited examples for the area of education.

Keywords: Discussion groups. Methodology. Educational research.

INTRODUÇÃO

A entrevista representa um papel importante no processo de coleta de dados – são amplamente conhecidas em seus mais variados formatos de aplicação, mas não é a única estratégia possível, visto as finalidades interpostas ora pelo pesquisador, ora por exigência do objeto. Quanto a esse olhar, Duarte (2004) teve a preocupação de nos alertar: as “[...] entrevistas não são a única maneira de se fazer pesquisa qualitativa” (p. 214), ou seja, é necessário avançar, discutir e contextualizar as distintas estratégias, não somente para efeitos didáticos, mas observando o prisma das recorrências epistemológicas, há que se buscar o desvelamento do objeto e suas interfaces, nesse sentido o objetivo desse trabalho é discutir os “grupos de discussão” (GD), como um dos tempos e espaços metodológicos para a coleta de dados e recorrências do objeto de pesquisa. (WELLER, 2013).

Sua origem é controversa e qualquer produção a esse respeito poderá estar ou falar a partir de uma produção espacial diferente (WELLER, 2006; GODOI, 2015). No caso deste trabalho, utilizamos como referências os autores hispânicos(as) que possuem vasta contribuição para o campo determinado (CALLEJO, 2001; IBAÑEZ, 1991;1996). Não descartamos e nem desconhecemos outros representantes teóricos influentes como a escola alemã ou americana. No entanto, circunstâncias que estreitam nossas possibilidades são maiores para o acesso das duas últimas citadas.

* Bacharel em Administração pela FCCI, licenciada em administração pelo Instituto IFSP, mestranda em Educação pela UFSCar-Sorocaba, e-mail: vanessa_silvestre1@hotmail.com.

** Graduação e Licenciatura em Administração pela FATEC de Tatuí, mestrando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar-Sorocaba. Docente do Centro Paula Souza e diretor da ETEC de Piedade. E-mail: reginaldomarcosmartins@gmail.com.

***Licenciatura em Educação Física pela FEFISO/ACM. Mestrando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar-Sorocaba. Membro do Grupo de Pesquisa em Pedagogia da Educação Física - GEPEF da FEFISO/ACM, e-mail: joapgoes@hotmail.com.

Callejo (2001) dedica-se muito à escrita histórica dos GD e nos aponta em rápida passagem que “[...] poco sabía de los grupos de discusión antes de moderar el primero de ellos” (p. 9). Ora, parece-nos uma afirmação bastante acertada já que ao pesquisar pelas suas formas de condução não se encontra uma metodologia única, fixa, levando-nos a concluir que várias são as possibilidades de se conduzir um GD - respeitando, claro, alguns princípios que serão abordados mais à frente e que se mostram decisivos na caracterização dessa possibilidade metodológica: “[...] cada grupo es un reto, pues cada investigación (...) es un reto” (p. 10).

Em um levantamento histórico Meinerz (2011) mostra a influência marcante de Jesús Ibañez e sua tese intitulada *Mas allá de la sociología* (1996) para a criação dos GD. Na segunda metade da década de 1950, em momento histórico conhecido como ditadura franquista na Espanha, algumas universidades entram em conflito com o governo e professores(as) são expulsos de seus cargos pelo regime ditatorial - Ibañez está entre aqueles(as) que sofreram represálias. Fora da Universidade o sociólogo recebeu o convite para gerenciar uma consultoria de mercado e, após apontar algumas falhas nos tipos de pesquisa que eram utilizados, propõe a utilização dos GD. No contexto espanhol, o referido método de entrevista grupal nasce no âmbito mercadológico: “[...] o grupo de discussão começa a ser aplicado nas pesquisas de mercado para a análise dos motivos que levam os sujeitos a consumirem ou não determinados produtos” (p. 489), passando depois por análises não só motivacionais, mas ideológicas e simbólicas.

Já em 1970 Ibañez abandona as pesquisas de mercado e concentra-se exclusivamente em sua tese que será, mais tarde, publicada em livro e se tornará um marco referencial para as pesquisas posteriores que acrescentam à metodologia do GD. A partir disso “[...] o grupo de discussão começa a transcender os limites das pesquisas de mercado, e passa a ser utilizado para pensar outros campos da realidade social como a política, a participação social, a *educação*” (MEINERZ, 2011, p. 491, grifo nosso), ocasionando uma grande diversidade neste tipo de pesquisa, e produzindo ligações com grandes pensadores como, por exemplo, Pierre Bourdieu, ou com quadros teóricos como “[...] estruturalismo, psicoanálisis, Escuela Crítica de Frankfurt, lo que provocó que se generase en España una de las fundamentaciones teóricas más potentes” (CALLEJO, 2001, p. 11).

Como vemos, a partir das produções de Ibañez, de outros referenciais e de outras conexões teóricas agregadoras, o GD passa a ser uma metodologia profícua para se estudar a educação em todos os seus âmbitos, e é justamente nosso objetivo com este artigo: apresentar o GD como uma possibilidade teórica e promover conexões que podem se tornar potentes para pensar a educação. Acreditamos que apesar do evidente esforço que é colocá-lo em prática devido aos seus desencadeamentos, a metodologia pode produzir dados não antes levados em consideração por aquele(a) que o aplica e ainda, intervir de forma bastante positiva para aquele(a) que participa.

Objetivamos então num primeiro momento expor as características conceituais dos GD baseados no referencial teórico do qual utilizamos e, assim, situar o leitor acerca das características próprias da metodologia. Ademais, pretendemos clarificar os eixos fundamentais dos quais repousam sua funcionalidade metodológica e, por fim, destacar, por meio de exemplificação, o desenvolvimento de duas pesquisas em nível de mestrado e doutorado que se utilizaram da referida estratégia metodológica para responder aos seus questionamentos entrelaçando suas premissas com o já abordado anteriormente.

GRUPOS DE DISCUSSÃO: CONCEITO E CARACTERÍSTICA

Existem diferentes formatos metodológicos de trabalho em grupo, cada qual com sua característica específica, suas vantagens e desvantagens. Neste início de seção, pretendemos fazer uma breve diferenciação entre as mesmas objetivando situar o(a) leitor(a) de que suas divergências estruturais não são tão expressivas, mas modificam-se em condições e posturas que podem ocasionar diferentes caracterizações. Todos apresentam figuras comuns como, por exemplo, o(a) moderador(a), os(as) participantes ou um local apropriado. O Quadro 1 intitulado “*Formatos grupales y formas de discusión*” nos deixa clara essa situação:

Quadro 1- Formatos grupales y formas de discusión

| Formatos grupales | Entrevista em grupo | Grupo focal (focus group) | Grupos de expertos y/o profesionales | Grupo de discusión |
|----------------------------|--|--|--|---|
| Formas de discusión | No hay tal, sino tan solo interferencias por la exposición de cada respuesta públicamente. | <i>Debate</i> (Discusión tanto organizada como dirigida desde experiencias particulares). | <i>Mesa redonda</i> (Discusión en controversia a partir de posiciones discursivas previas y elaboradas) | <i>Conversación</i> (Discusión en un trato mutuo que comporta una construcción conjunta del sentido) |
| Referencias básicas | (MERTON, FISKE y KENDALL, 1990) | (KRUEGER, 1994; GREEBAUM, 1998) | (VAN CAMPENHOUDT y otros, 2005) | (IBÁÑEZ, 1986a y 1986c; ORTÍ, 1990 y 1993) |

Fonte: Sanchez-Pinilla e Legerén (2008, pág. 99).

É possível perceber que as ditas “Entrevistas em grupo” e “Grupo com experiência e/ou profissionais” possuem diferenças mais acentuadas em relação ao nosso objeto - principalmente em relação a proposta de mesa redonda. Esta delimita seu público de maneira mais restrita e procura trabalhar em forma de debates, onde já se é previsto que diferentes profissionais conduzam a discussão ancorados em suas próprias perspectivas teóricas, modificando-se em relação à proposta do GD. Já a primeira, “Entrevista em grupo”, possui fortes características de uma entrevista tradicional, no entanto, é realizada em conjunto com outras pessoas que não apenas o entrevistador e seu(sua) respondente. (SANCHEZ-PINILLA; LEGERÉN, 2008)

Grupos Focais (GF) e GD possuem maior aproximação e é comum na literatura que os dois sejam relacionados ou diferenciados de forma conjunta. Callejo (2001) aponta que “[...] el *focus group* tiende a tomar las características de una entrevista em grupo” (p. 17, grifo do autor) e, por outro lado, é preciso que relacionemos os GD com “[...] formas más flexibles, abiertas y menos directivas de los grupos focalizados” (p. 17). Já Sanchez-Pinilla e Legerén (2008) também usam do substantivo *directividade* para caracterizar os dois tipos de grupo já que, para os autores, seu trato diferente faz-se fundamental. Em relação aos grupos focais “[...] en particular, se ve em todo lo que atañe a la preparación y desarrollo de una <<guía de discusión>> marcada por la *directividade*” (p. 101, grifo nosso); enquanto que o GD buscaria construir “una discusión generadora de significación y no solo de información, caracterizada de hecho por su *no directividade*” (p. 102, grifo nosso).

Podemos dizer que, em tese, o que diferencia um GD de um GF é o trato que o(a) moderador(a) pretende imprimir com o seu grupo. Este pode variar entre uma maior ou menor diretividade, conforme o que foi frisado anteriormente. Poderíamos trabalhar com a hipótese de que o(a) moderador(a), dentro da sua pesquisa e em relação aos objetivos que pretende alcançar, prefere que o grupo esteja mais livre para colocar as suas ideias do que responder a questões específicas. Pode ser objetivo do(a) pesquisador(a) conhecer mais sobre a opinião, os conceitos ou os significados produzidos sobre determinado tema, local, acontecimento, para um (ou mais) grupo(s) de pessoas, ao invés de direcionar explicitamente o debate para o seu interesse prévio. Nesses casos o GD pode ser muito bem desenvolvido, possibilitando diversas formas de trabalho. É por isso que Weller (2013) aponta sua positividade “sobretudo nas pesquisas com adolescentes e jovens” (p. 61) – mas, claro, não apenas com eles(as) -, reconhecendo suas inúmeras vantagens: uso de um vocabulário próprio menos restrito; o convívio momentâneo permite o reconhecimento de detalhes intrínsecos à cultura dos(as) participantes; maior inserção do(a) pesquisador(a) no grupo; reflexões dos(as) próprios(as) respondentes sobre o tema; e a correção de fatos distorcidos.

Contudo, qual seria, de fato, o objetivo do GD? Vimos que este tem sua centralidade na não-diretividade e na fluência de uma *conversação*. É o próprio Ibañez (1991) que diz: “[...] la conversación es una totalidad: un todo que es más que la suma de las partes que no puede distribuirse en interlocutores ni

em (inter)locuciones – por eso es la unidad mínima” (p. 77). E é Callejo (2002) quem estreita mais ainda essa objetividade focando a intencionalidade na produção do discurso. Contudo, como vemos, não é qualquer discurso e nem sobre qualquer tema: “Es tal processo de reconstrucción discursiva del grupo social, ante um fenómeno determinado que es básicamente el objetivo de la investigación, lo que constituye el principal material para el análisis” (p. 418). O grupo deve gerar uma produção discursiva coletiva sobre aquele material proposto ou o acontecimento estudado. O GD não aceita locuções únicas ou perguntas dirigidas apenas a “[...] um integrante específico” (WELLER, 2013, p. 60), e por isso é considerado tão importante preservar e analisar previamente quais características de grupo se busca quando se pretende colocar a pesquisa em prática. Mudanças atitudinais podem descaracterizar completamente a metodologia.

Para acentuar la diferencia del grupo de discusión con las otras dos prácticas de investigación presentadas, ha de destacarse que lo importante en ésta es la circulación de discursos. Discursos que adquieren su máximo valor como representación simbólica del grupo frente al fenómeno social estudiado y, por lo tanto, expresan la norma del grupo (el ideal del grupo) ante tal fenómeno (CALLEJO, 2002, p. 419)

Os registros das reuniões ficam a cargo do(a) pesquisador(a) e do seu trato com os(as) respondentes que está trabalhando: gravadores, filmadoras, todos são recursos para que a entrevista seja registrada com grandes níveis de detalhes, sendo que “a análise, assim, está presente em todo o processo de investigação, desde a seleção dos componentes até a forma como se desenrola a discussão” (MEINERZ, 2011, p. 496). Todos os tipos de reações, silenciamentos, risos, podem (e devem) ser registrados pelo olhar atento do(a) moderador(a) que poderá, adiante, entrelaçar significados para grande parte do que ocorreu durante o GD. É importante que seja dito: os dados não virão apenas das falas, mas também do ambiente, das expressões.

Por fim, relacionando com aquilo que já foi apresentado, a análise e transcrição dos resultados obtidos devem trabalhar em consenso para uma produção de grupo, e não para conclusões individuais. Isso exigirá grande habilidade do(a) aplicador(a) que buscará a articulação “[...] entre a síntese do discurso produzido nos grupos, o marco teórico em que se insere a investigação e as intuições do pesquisador” (MEINERZ, 2011, p.496). No entanto, todas essas articulações exigem cuidado em seu procedimento e não são feitas por acaso. Seus eixos procedimentais serão tratados no próximo capítulo.

EIXOS PROCEDIMENTAIS

De acordo com Strauss (1994 apud WELLER, 2013), ao se optar pelo grupo de discussão como opção metodológica de pesquisa, os primeiros aspectos a serem considerados são: Quais agrupamentos populacionais, quais ocorrências ou atividades serão objetos de análise e posterior levantamento de dados? “Qual é o interesse teórico?” (p. 59). Esses são procedimentos e perguntas primeiras que devem ser feitas no intento de desenvolver as potencialidades do método e não apenas no sentido protocolar de sistemas rígidos e invariáveis.

É necessário que se tenha delimitado o grupo que pretende estudar, assim como o que se pretende estudar sobre esse grupo. A partir daqui é possível perceber o nível de compatibilidade metodológica entre uma pesquisa e a proposta dos GD. É preciso ter claro que a metodologia não produzirá discursos únicos e conclusivos, mas dissolverá as questões de forma que atravesse a todos(as) os(as) integrantes para que o(a) moderador(a), a partir disso, tenha a habilidade necessária para produzir um discurso coletivo, como abordado anteriormente. Sendo então importante frisar que “[...] a pesar de su denominación habitual, la explicación de su funcionamiento debe más a tal carácter situacional de reunión, que de grupo” (CALLEJO, 2002, p. 418). Ora, em uma reunião desse tipo é esperado que as falas não sejam colocadas pelos(as) integrantes de forma linear ou que apenas alguns poucos emitam seus pareceres.

Sanchez-Pinilla e Legerén (2008, p. 99) ressaltam a própria funcionalidade do termo discussão, o qual remete à alguns princípios não abstratos que conduzem a nossa percepção dos GD: para “[...] el término

'discusión'(...) habremos de tener em cuenta al menos três acepciones según se refiera al hecho de: a) considerar algo debatiéndolo; b) tratar de manera oral o por escrito, o c) tener una conversación acerca de algo". Nesta definição mesma que os autores usam para o termo "discussão" podemos concluir que o primeiro eixo condutor de uma entrevista em grupo seria a recomendação da participação integral dos(as) respondentes.

E isto nos remete aquilo que talvez seja o grande diferencial metodológico dos trabalhos grupais: o papel do(a) moderador(a). Este exerce papel fundamental na condução do grupo. Embora seu objetivo seja o de fazer fluir a discussão intervindo apenas em situações necessárias, sua participação é fundamental para que a discussão atinja os objetivos traçados – mas que também abra caminho para a multiplicidade. Sua escuta deve ser atenta, sensível, buscando condições que facilitem o diálogo no grupo. Mas não só: é papel do(a) moderador(a) estar atento(a) a possibilidade "inclusive dos possíveis momentos de silêncio que se produzam no processo do grupo" (MEINERZ, 2011, p. 496).

Os dados não podem ser tratados sozinhos, assim como não haveria possibilidade de análise, mesmo com um grupo que produzisse uma quantidade significativa de material, se aquele(a) que mediasse a discussão não estivesse atento(a) à realizar esse trabalho da melhor forma possível: "Ni los grupos, ni lo datos, hablan por sí solos" (CALLEJO, 2001, p. 10). É necessário o trabalho farto e repetitivo, é o tratamento ostensivo dos dados que trará material de análise. Mas algo é importante, deve ser levado em conta e fará toda a diferença: a leitura do resultados trará não só respostas sobre as significações do grupo, mas também aquilo que Callejo (idem) chama de desnudamento do(a) autor(a); a emersão daquele que escreve revela-se no desfazer do nó – ou na criação de outros: "La comprensión de esto conduce a ubicar los procedimientos e instrumentos que sirven para desenredar el nudo. Para que el investigador se desnude" (p. 10).

Também tem o papel de realizar intervenções quando percebe que a discussão está se direcionando para outro assunto, uma situação de tumulto ou se algum(a) participante está centralizando a conversa, bem como estimular a participação de membros que ainda não deram sua colaboração, ao passo que a função do(a) moderador(a) não se torne apenas passiva, mas faça fluir "[...] a las intervenciones de unos y otros participantes. Pero, sobre todo, es el que da paso a unos temas y cierra el paso a otros, poco o nada relacionados con los objetivos de la investigación" (CALLEJO, 2002, p. 419).

Para que o GD possa desvelar "[...] dados que possibilitem a análise do contexto ou do meio social dos entrevistados, assim como suas visões de mundo ou representações coletivas" (WELLER, 2013, p. 56) é essencial que o(a) mediador(a) considere conduzir o grupo de forma a escapar de perguntas restritas e dê preferência para questões narrativas que estimulem a participação. Inserção do(a) pesquisador(a) no mundo dos(as) participantes, instigar questões de sua vivência, de forma a produzir desejo de fala é um quesito fundamental para que o grupo possa deslocar-se em direção aos seus objetivos.

Para tanto, é perceptível na literatura certa versatilidade em relação à quantidade de participantes e do formato de sua procedência. O sistema de seleção para composição de um grupo de discussão visa a busca de indivíduos objetivando a criação de um ambiente artificial que intente o desenho de um ambiente mais próximo do natural possível – tendo clara a impossibilidade da produção de qualquer naturalidade em relação ao ambiente.

O GD deverá ser composto de algo "[...] entre seis y diez [pessoas], previamente desconocidas entre sí" (CALLEJO, 2001, p. 21). Não menos do que seis e não mais do que dez pessoas é o que escrevem seus(suas) teóricos(as). É característica dessa metodologia, como veremos mais à frente, a efetividade na produção de dados ocasionando trabalhos realmente extensivos de transcrição. É recomendável que o(a) pesquisador(a), principalmente o(a) iniciante, opte por grupos menores pois certamente terá um grande acúmulo de material ao final da dinâmica – tanto de escrita como análise.

Outro ponto importante que diz respeito à participação dos(as) respondentes é, como apresentado acima, seria a possibilidade de um desconhecimento entre eles(as) e até mesmo do(a) próprio(a) pesquisador(a): "Os componentes não devem conhecer-se entre si e nem ao investigador" (MEINERZ, 2011, p. 495). Contudo, percebemos a dificuldade que isso acarreta e a possibilidade contraditória que isso ocasiona em relação ao(à) pesquisador(a) ter algum tipo de inserção no mundo daqueles(as) que

participarão de sua pesquisa – de uma forma ou de outra podem se conhecer ou já ter tido algum contato.

Neste sentido, Sanchez-Pinilla e Legerén (2008) nos ajudam propondo que os(as) participantes, pelo menos, não tenham “[...] un trato cercano o frecuente” (p. 106), o que poderia comprometer a liberdade de fala e acabar atrapalhando o grupo. Isso nos leva à uma concepção de não-hierarquização do grupo analisado no GD. Evitam-se grandes disparidades entre os(as) participantes justamente porque a intenção não é a construção de um debate coletivo, contraposições, mas sim a construção de um discurso coletivo e isso só poderá ser alcançado com pelo menos dois fatores em vista: proximidade dos(as) respondentes; e liberdade para falar com garantia, se necessário, de sigilo.

Ora, parece-nos natural que perguntemos: se não há tópicos, ou pelo menos não são explicitamente apresentados e seguidos, se não há uma forte condução e a proliferação de ideias deve partir do criativo, como poderíamos dar conta do início de um GD? Como colocá-lo em prática? Algo não deveria ser preparado para que alguém pudesse desenvolver uma primeira fala? E essa é justamente a função do Tópico-Guia, outra possibilidade de eixo procedimental que divide espaço com “moderador”, “quantidade” e, por último, “tempo”.

O Tópico-Guia, pode ser justamente essa primeira pergunta que servirá como disparador do pensamento daqueles(as) presentes e que, dependendo do objetivo do(a) pesquisador(a), poderá ser também, como mencionado anteriormente, uma espécie de tópico que o(a) auxiliará durante a entrevista – no entanto, que não se confunda roteirização com Tópico-Guia: um tem por objetivo a condução rígida, o outro apenas assegura que a discussão não desvie de sua rota ou auxilia a análise do(a) pesquisador(a). Para isso, alerta Weller (2013, p. 60) que este não deve “ser seguido à risca”, podendo comprometer a estrutura característica de um grupo de discussão.

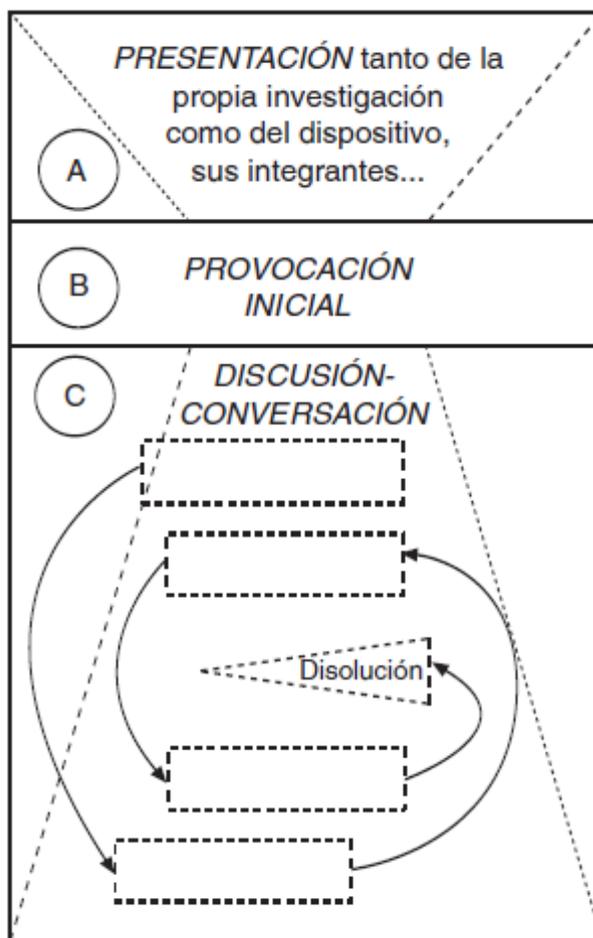
O(a) moderador(a) pode objetivar o discurso espontâneo, mínima intervenção, expor caminhos ou trazer de volta a discussão. Pontos-chave anteriormente pensados podem ser colocados durante a entrevista mas é necessária atenção: o espaço deve ser o da criação, da novidade e, para tanto, é necessária que a voz do grupo prevaleça sobre a voz daquele(a) que entrevista e não o contrário – a construção coletiva, nessa perspectiva, é mais importante do que conclusões prévias.

Temática menos abordada, porém não menos importante, é a variabilidade do tempo. Meinerz (2011, p. 495) é quem se arrisca a dizer que o GD deve ter “[...] até uma hora e meia”. Corroboramos com a autora no sentido de que grupos em formatos de grande extensão podem produzir quantidades imprevisíveis de materiais para análise, o que poderia acarretar uma desvantagem para a metodologia. Outro motivo que nos leva a concordar com a autora é a difícil capacidade de produção de dados válidos em largos espaços de tempo. O tempo de concentração do grupo tem um limite e também é função do(a) moderador(a) adequar-se a isso. É necessário que o respeito se sobressaia no trato com os(as) entrevistados(as) do momento ou futuros(as).

Estratégia importante também é aquela que Callejo (1998, p. 17) entendeu como “Poner el grupo contra sí mismo”. Claramente, o autor faz uma referência a um tipo de condução que produza dúvida naqueles(as) que participam o que, em teoria, poderia estimular a fala e deixar o grupo mais propenso a articulações que frutíferas de resultados. No entanto, reiteramos que esse tipo de estratégia deve ser utilizada com bastante cuidado por parte do(a) pesquisador(a) e que, acima de tudo, é recomendado apenas para aqueles(as) mais experientes neste tipo de metodologia, pois os assuntos gerados podem acabar desagradando os participantes e a última coisa que o(a) entrevistador(a) pode desejar no trato com seu grupo é que este volte-se contra ele(a). Como Weller (2013) chama a atenção “[...] esse tipo de pergunta poderá gerar situações controversas e até um certo mal-estar entre os participantes e o entrevistador” (p. 61).

Por fim, encerramos esse capítulo com a exposição da Figura 1 intitulada “*Estrategia del guión para un grupo de discusión*” que nos auxilia a pensar a dinâmica do GD de forma bastante didática e como todos esses conceitos teóricos podem ser aplicados no trato metodológico:

Figura 1 - Estrategia del gui3n para un grupo de discusi3n



Fonte: Sanchez-Pinilla e Leger3n (2008, p. 103)

Por3m, apresentados(as) 3 din3mica do trabalho, eixos procedimentais, processo criativo e de aplica33o, 3 de import3ncia fundamental que exemplifiquemos o tratamento dos dados, elabora33es finais e como todos esses resultados podem encaixar-se no corpo de um projeto acad3mico – no nosso caso, produ33es voltadas para a educa33o. Problemas que ser3o abordados na pr3xima se33o

TRATAMENTO DOS DADOS E ELABORA33O DO RELAT3RIO FINAL

Como abordado anteriormente, o(a) pesquisador(a) que pretende utilizar-se da metodologia de Grupos de Discuss3o deve ter em mente que o seu material de trabalho e an3lise ser3 amplo. Antes que o desenvolvimento esteja em curso s3o necess3rias algumas estrat3gias que possam assegurar o seu bom andamento. Neste capitulo, temos por objetivo a ilustra33o exemplificativa deste tipo de estrat3gia e condu33es de GD. Weller (2013, p. 58) afirma que "No Brasil o m3todo tem sido utilizado sobretudo em disserta33es de mestrado e teses de doutorado". A partir disso selecionamos uma Disserta33o desenvolvida no Curso de P3s-gradua33o em Educa33o da Universidade de Bras3lia e uma Tese desenvolvida na Faculdade de Educa33o da Universidade de S3o Paulo.

Os trabalhos foram coletados a partir de pesquisas na internet que nos conduziram aos bancos de dados das universidades onde pudemos realizar o *download* e iniciar de imediato a an3lise. Contudo, reiteramos aqui a dificuldade de se trabalhar com um material farto sobre o assunto j3 que a metodologia 3 pouco explorada. Dentre o restrito material separado, os dois a seguir pareceram se aproximar bastante dos crit3rios explorados anteriormente – a saber, Gr3sz (2008) para a disserta33o e Santos (2016) para a tese. Utilizamos-nos do verbo "aproximar" pois, como esclareceu Callejo (2001), cada pesquisa responder3 a demandas pr3prias e isso faz com que suas estruturas sejam

eventualmente diferentes, contudo, como veremos, preservando aquilo que chamamos de “eixos procedimentais”. Para que cada fase do desenvolvimento dessa estratégia de pesquisa seja acompanhada de forma mais clara, organizamos alguns subtópicos que expressam cuidados centrais na condução do desenho da pesquisa pelo pesquisador.

Os Grupos de Discussão no desenho de pesquisa

Grösz (2008) utiliza-se da metodologia dos GD para abordar teorizações sobre gênero no cotidiano de professoras e professores de diferentes escolas, empregando apenas essa metodologia para a concretização da pesquisa. Diferentemente desta, Santos (2016), ao estudar a problematização no currículo cultural da Educação Física, faz uso dos GD como *uma* das diferentes metodologias empregadas em sua tese – metodologias essas que não faremos menção nesta produção. Poderíamos levantar a hipótese (e não mais do que isso) de que a primeira autora utilizou-se de uma estratégia diferente do segundo, já que o tempo de um curso de mestrado é muito menor em comparação ao tempo disponível para a produção de uma tese de doutorado. Como citado, dependendo do seu resultado, o GD pode tornar-se uma metodologia de dados imprevisível, comprometendo prazos e análises mais aprofundadas. Optar por utilizar apenas o GD pode ser uma ótima escolha em produções de tempo reduzido.

Ambos na composição de suas pesquisas citam e posicionam-se em relação ao que já foi produzido sobre o GD mencionando-o em pontos distintos de seus trabalhos: enquanto Grösz (2008) já inicia sua exploração a partir do segundo capítulo, Santos (2016) conduz essa discussão a partir do quarto capítulo onde também desenvolve apontamento sobre as outras metodologias das quais recorreu.

A construção dos Grupos de Discussão

Este ponto é central tanto para o desenvolvimento do grupo quanto para a interpretação daqueles que poderão imprimir uma leitura mais atenta à pesquisa. A construção do GD passa pela seleção daqueles(as) que serão os(as) respondentes e que, é de se esperar, cumpram papel chave para as teorizações que já vinham sendo feitas. Pessoas imersas naquilo que o(a) pesquisador(a) procura desenvolver em seus escritos e que por isso devem ser selecionadas adequadamente: seja pelo papel que desenvolvem ou pelo espaço que partilham no cotidiano – a isso depende a filosofia adotada pelo(a) mentor(a) da dinâmica.

Grösz (2008) retorna ao debate com uma pesquisa, de fato, expressiva criando GD com “[...] oito professores e trinta professoras” (p. 43). Esse número de participantes foi então dividido em dez grupos que realizaram numerosas discussões entre os dias 21 de maio e 26 de Junho. Ponto importante é que os grupos foram divididos de forma que ficassem dispostos em *quantidades* de 5 a 7 participantes, levando-nos a crer que alguns foram solicitados mais de uma vez para a função de respondente – aspecto não especificado na dissertação.

O interesse por esses(as) participantes específicos explica-se na medida em que a pesquisa ocorreu com professores e professoras “[...] que tiveram oportunidade de participar de um curso de formação ou aperfeiçoamento voltado para as questões de gênero” (GRÖSZ, 2008, p. 37), coordenado pela própria pesquisadora. Por meio da ficha de presença foi tomado conhecimento sobre estes(as) que foram convidados a participar. Em relação ao *tempo*, é relatado que a duração média de cada grupo foi de uma hora e meia.

Já Santos (2016) trabalhou com uma número menor de grupos e pessoas compondo uma estratégia diferente, porém parecida: “Na primeira data, participaram quatro professores(as) – Felix, Janaína, Jonas e Marcel – e o encontro teve a duração de aproximadamente uma hora e vinte minutos” (p. 105); formando um segundo grupo em outra oportunidade com outros(as) professores(as): “Na segunda data, participaram outros(as) cinco professores(as) – Alberto, Aldair, Alice, Francisco e Paulo – e a duração total do encontro foi de uma hora e quarenta minutos” (p. 105), totalizou nove participantes do GD. Ambos foram chamados de GD1 (divididos em parte um e dois) e, em seguida, um grupo com alguns participantes selecionados do GD1 (tanto parte um como dois) compuseram o chamado GD2.

Seu interesse pelos participantes também se clarifica na medida em que todos(as) participam do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar (GPEF) voltado, prioritariamente, ao estudo do currículo cultural na Educação Física: “O convite deu-se após exposição sumária dos propósitos da pesquisa durante uma das reuniões do GPEF e também por e-mail” (SANTOS, 2016, p. 103). Está claro que nessas pesquisas a autora da dissertação e o autor da tese tinham contato com seus respondentes ou, pelo menos, já os conheciam de datas anteriores. Isso mostra a possibilidade de variação entre conhecer ou não os(as) participantes. Detalhe perceptível é que o autor e a autora criaram GD com quantidade menor do que a expressa pela literatura consultada, porém, nunca superior a 10 participantes: o que expressa uma preocupação em não reunir um grupo com grande número de pessoas.

Condução e produção de dados

Ambos, dentro do que é previsto na literatura para o(a) *moderador(a)* do GD, exerceram funções de facilitador e facilitadora das discussões, sempre cuidando para que suas falas não se sobressaíssem em relação as falas dos(as) participantes que são a parte mais rica da construção discursiva para essa metodologia. Contudo, e aqui também, podemos ver que a dissertação e a tese seguiram caminhos diferentes quanto as estratégias e ao fazer falar.

Grösz (2008) optou, como pode-se ver na parte final do seu trabalho de forma integral, pela utilização de um *tópico-guia* com formato um pouco mais estruturado do que a outra pesquisa estudada. A autora reuniu dezesseis questões e a partir delas e com elas deu andamento aos seus grupos – deixando sempre claro “que não pretendia ser um roteiro a ser seguido à risca, mas sim um instrumento com temas que pudessem servir de estímulo para a discussão entre os professores e professoras” (p. 43). Acreditamos que a estratégia adotada pela autora seja, uma boa possibilidade quando tratamos de um grupo com pouca afinidade – como era o caso. O debate pode “esfriar” por diversas vezes e por diversos motivos. O tópico guia pode ajudar das mais variadas formas.

Já Santos (2016) utilizou-se de um *tópico-guia* em formato de texto com perguntas espalhadas, o que talvez indique uma não utilização do registro na íntegra no momento da reunião, mas uso apenas da primeira questão que tinha por intento funcionar como um vetor de impulsão, algo que pudesse “disparar nossa conversa” (p. 185). Vale ressaltar que o mesmo tópico-guia foi utilizado para os dois GD1, porém um novo foi criado para o GD2 tendo em vista que os(as) participantes era os mesmos, apenas formavam um grupo diferente. Ambos, mesmo demonstrando conhecimento de outras possibilidades de gravações, utilizaram-se de gravadores de áudio para o registro das entrevistas.

Utilização dos dados no trabalho

Neste quesito, Santos (2016) utilizou de um menor detalhamento em relação à autora da dissertação. As transcrições do autor acompanharam a sua necessidade de escrita e análise durante o trabalho, levando-o a registrar passagens importantes durante grande parte do corpo da pesquisa. Contudo, como já mencionado, o autor não focou sua atenção apenas ao GD e este dividiu espaço com outras metodologias na produção, acarretando assim em não possuir um maior destaque em suas citações próprias. Claro, não entendemos isso como um ponto negativo já que as pesquisas seguem suas próprias aspirações e trabalham de acordo com as suas primordialidades – insistimos: há grande multiplicidade na forma de se construir a metodologia.

Já Grösz (2008) emprega um tratamento diferente aos dados separando-os em “[...] tópicos discutidos na entrevista [e] em temas e subtemas” (p. 43), fazendo desses, parte de uma primeira análise classificatória dos dados recolhidos. Ao realizar a transcrição das passagens consideradas mais importantes no corpo do trabalho relacionando com o conteúdo teórico empregado a autora também sinaliza das mais diferentes formas os trejeitos daqueles(as) que falaram e suas atitudes – por exemplo, falas com um tom de voz mais alto ou mais baixo são sinalizados com símbolos específicos funcionando como uma espécie de “aspas”. Os dois fazem um trabalho bastante parecido em relação à exposição das partes significativas por entre os seus capítulos, seguindo a padronização estipulada. Nenhuma transcrição foge ao estabelecido em norma.

Anexos e transcrições finais

Os anexos nas pesquisas que utilizam os GD como metodologia costumam ser expressivos, tanto em relação à transcrição literal das entrevistas como a possibilidade das várias análises classificatórias que são feitas durante o trabalho. No caso do autor e da autora estudados não é diferente, contudo, cada um corresponde à uma exemplificação diferente. Santos (2016) optou por repassar ao trabalho escrito todas as entrevistas realizadas (totalizando quase 70 páginas) e também enviá-las por e-mail na intenção de que “[...] que o(a) participante se reconheça no que foi transcrito, corrobore a visão ali explicitada e valide a experiência como um(a) colaborador(a) ativo(a) por todo o processo” (p. 106). Isso mostra uma preocupação bastante interessante na construção coletiva, enfatizando o papel do reconhecimento no processo. Também foram transcritos seus tópicos-guia em formato de texto.

Já Grösz (2008) recorre à outra possibilidade ao não escrever integralmente suas entrevistas que, como afirma, tiveram mais de 15 horas de duração. Ao utilizar o método proposto por Weller (2006), a autora abdica desta função e transcreve apenas as partes mais significativas dos discursos no próprio corpo do trabalho, ou seja, sua dissertação não possui anexos referentes às entrevistas realizadas. Por outro lado, concentra maior atenção em anexar: a) o questionário de reconhecimento dos participantes com seus dados fundamentais; b) a já citada organização por temas e subtemas que formaram sua primeira análise sobre o discurso; c) e, por último, a lista com todos os códigos utilizados para representar as diferentes expressões dos(a) respondentes da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tivemos por intento demonstrar um pouco mais do que seria e como funciona a metodologia de pesquisa Grupos de Discussão. Estivemos baseados, prioritariamente, em referenciais hispânicos e autores(as) que utilizam do mesmo referencial para expor seu contexto histórico, de criação e utilização, assim como traçar paralelos de como é possível colocar em prática a metodologia em contextos de pesquisas que envolvam a educação.

Em um primeiro momento, o GD pode parecer um método de fácil aplicação devido ao seu tratamento com os respondentes e as funcionalidades do(a) moderador, que tem por intenção envolver-se o mínimo possível na discussão gerada, evitando posicionar-se de uma forma ou de outra, mas apenas provocando a produção discursiva, incitando o “fazer falar” por parte dos(as) participantes – o que leva alguns(algumas) a entender que o seu papel está restrito ao de um(a) facilitador(a) e não de um(a) moderador(a) ou condutor(a) da discussão.

Contudo, vimos que esse tipo de percepção é superficial e é rapidamente superada com uma leitura mais aprofundada do método, onde pode-se encontrar diversos pontos estruturais e de aplicação que precisam ser seguidos para que a metodologia ganhe características próprias. Tivemos a oportunidade de teorizar sobre aquilo que chamamos de “eixos procedimentais” e o quão importante são, a saber: “tempo”, “quantidade”, “moderador”, “tópico-guia”. Pequenas mudanças nesses procedimentos podem acarretar, como demonstrado na tabela 1, uma mudança imperceptível de metodologia, colocando em risco o trabalho daquele(a) que pretende produzir uma pesquisa baseada nos Grupos de Discussão.

Parece-nos importante não esquecer: o GD necessita de planejamento, tempo e disponibilidade já que o material produzido costuma ser farto. Como acompanhamos nas pesquisas exemplificadas, a dissertação de mestrado produziu mais de 15 horas de conversação e a tese de doutorado quase 70 páginas de transcrição. Tudo isso converte-se em material de análise, de especificação, detalhes que precisam ser assinalados e muita coisa não poderá passar em branco se almejarmos uma pesquisa de qualidade. Porém, a metodologia também dispõe de uma boa maleabilidade permitindo, com respeito a seus eixos e características, moldar-se de acordo com os objetivos daquele(a) que pretende construir a pesquisa. Por fim, voltamos a repetir sobre a pouca utilização da metodologia no Brasil na área da educação e a dificuldade em achar pesquisas que utilizem-na fora do círculo das teses e das dissertações. Por demonstrar ser uma metodologia bastante fértil para novas produtividades, advogamos uma exploração mais acentuada desta - poderemos analisar os problemas sobre os quais

nos debruçamos diariamente sob uma ótica bastante diferente e que, acima de tudo, preza por uma produção coletiva, fator de grande relevância.

REFERÊNCIAS

- CALLEJO, G. J. Observación, entrevista y grupo de discusión: el silencio de três prácticas de investigación. *Revista Española de Salud Pública*, Madrid, v. 76, núm. 5, sep/oct, 2002. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=17076504>. Acesso: 25 Maio 2018.
- CALLEJO, J. Articulación de perspectivas metodológicas: posibilidades del grupo de discusión para una sociedad reflexiva. *Papers*, Madrid, 1998, 31-55. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/papers/02102862n56/02102862n56p31.pdf>. Acesso: 25 Maio 2018.
- CALLEJO, J. *El grupo de discusión*: introducción a uma práctica de investigación. Editora Ariel, S.A., Barcelona, 2001.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso: 24 Maio 2018
- GODOI, C. K. Grupo de discussão como prática de pesquisa em estudos organizacionais. *RAE – Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 55, n. 6, p. 632-644, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v55n6/0034-7590-rae-55-06-0632.pdf>. Acesso: 28 Maio 2018.
- GRÖSZ, D. M. *Representações de gênero no cotidiano de professoras e professores*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1047/1/DISSERTACAO_2008_DirceGrosz.pdf. Acesso: 28 Maio de 2018.
- IBÁÑEZ, J. *El regreso del sujeto*: La investigación social de segundo orden. Santiago, Chile: Editorial Amerindia, 1991.
- IBÁÑEZ, Jesús. *Más Allá de la Sociología. El grupo de discusión*: teoría y crítica. Madrid, Siglo XXI, 1996.
- MEINERZ, C. B. Grupos de discussão: uma opção metodológica na pesquisa educação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/16957/12914>. Acesso: 24 Maio 2018.
- SÁNCHEZ-PINILLA, M. D.; LEGERÉN, A. D. La práctica conversacional del grupo de discusión: jóvenes, ciudadanía y nuevos derechos. In: GORDO, A. J.; Serrano, A. *Estrategias y prácticas cualitativas de investigación social*. Pearson Educación, S.A., Madrid, 2008. Disponível em: <http://www.trabajosocialbadajoz.es/colegio/wp-content/uploads/2011/05/Estrategias-y-practicas-cualitativas-de-investigacion-social-Gordo-Serrano1.pdf>. Acesso em: 24 Maio 2018.
- SANTOS, I. L. *A tematização e a problematização no currículo cultural da Educação Física*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/ivan_01.pdf. Acesso: 24 Maio 2018.
- WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>. Acesso: 28 Maio 2018.
- WELLER, W. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, W.; PFAFF. *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. 3.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

Recebido em: 10.02.2018

Aprovado em 10.04.2018